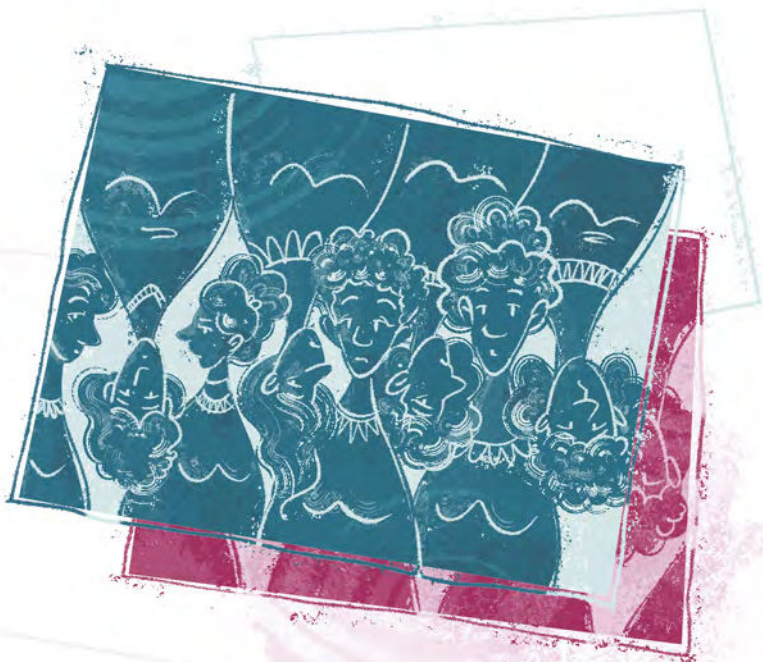


Adriana Guedes Arcuri,
Tânia Veludo de Oliveira
e Gretchen Larsen

combatendo **Atmosferas** de **silêncio**

Ilustrações de
Ananda Ferreira





combatendo Atmosferas de silêncio

**Adriana Guedes Arcuri,
Tânia Veludo de Oliveira
e Gretchen Larsen**

Ilustrações de Ananda Ferreira

**1ª edição
São Paulo, 2026**



APRESENTAÇÃO

Às vezes, o silêncio grita. Ele não é calmo como o silêncio de uma biblioteca. Ele pesa no ar, aperta o peito, fecha a garganta.

O conceito de Atmosferas de Silêncio foi desenvolvido com base em uma pesquisa etnográfica com 27 meninas de 13 a 17 anos, nas cidades de Teresina (PI), Codó (MA), Timbiras (MA), Peritoró (MA), Salvador (BA) e São Paulo (SP). Todas estavam envolvidas em projetos com a Plan International Brasil, como Escola de Liderança para Meninas, Programa Adolescente Saudável e Pontes para o Futuro. Neste livro, mergulhamos em questões de direitos das meninas do nosso Brasil, procurando entender como o silêncio molda, e às vezes até suprime, o consumo de produtos envoltos em tabu, como contraceptivos e itens menstruais.

Sabe quando sentimos nossa voz abafada, como se tivessem tirado nossa vontade ou nosso direito de nos expressar? Não sabemos exatamente como isso começa, mas sentimos nossa voz sumir, um medo de que algo aconteça, vergonha de fazer algo que não parece certo ou que não queremos que outras pessoas saibam. O silêncio não é se-

reno; ele é pesado, e pode até doer. Esse peso impacta não apenas nossos desejos, mas também nossas ações.

Chamamos esse fenômeno de Atmosferas de Silêncio. Elas aparecem quando temos medo de sermos julgadas, quando sentimos constrangimento por coisas que são naturais, quando evitamos falar sobre nossos direitos, quando sentimos nossa voz sumir mesmo quando desejamos dizer algo.

INTRODUÇÃO



Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós
Essa vai pra todas as mulheres
Marianas, índias, brancas,
negras, pardas, indianas
Essa vai pra você que sentiu aí no peito
O quanto é essencial ter, no mínimo, respeito
Essa dor é secular e em algum
momento há de curar
Diga “sim” para o fim de uma
era irracional, patriarcal
Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar,
possa chegar, não mais calar
Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar,
possa chegar, não mais calar

Letra da música “Para todas as mulheres”,
de Mariana Nolasco (2020)

Essa canção reverberou durante esta pesquisa, ecoando as lutas das mulheres em todo o mundo e amplificando as múltiplas opressões¹ enfrentadas pelas meninas adolescentes no Sul Global. Nolasco, uma jovem brasileira, empresta sua voz ao anseio de romper o silêncio e restituir o direito à escuta. São várias camadas de opressão — de gênero, raça, classe social e idade — que não se limitam a cercear voz e vivências, mas também restringem o acesso a bens e serviços essenciais, como atendimento de saúde, métodos contraceptivos e produtos menstruais².

A opressão cria o silêncio. Não um silêncio suave e restaurador, mas um silêncio desconfortável e carregado com a tensão de palavras não ditas por sujeitos invisibilizados. Trata-se de um silêncio que vai além da ausência literal do som: é a confluência do silêncio metafórico — o que está ausente ou foi suprimido — e do silêncio fenomenológico — sons que aprendemos a não escutar³. Esses silêncios se entrelaçam no que chamamos de “atmosferas de silêncio”, ambientes que extrapolam o espaço físico e abrangem dimensões emocionais e afetivas do nosso entorno.

Nos inspiramos no conceito das atmosferas afetivas⁴, que traduzem as experiências emocionais das pessoas nos espaços que ocupam. Quando analisamos o que já foi publicado sobre como as atmosferas afetivas impactam o consumo, a maioria dos estu-

dos mostra como torná-las agradáveis para estimular compras⁵, apesar de se reconhecer que experiências possam ser repulsivas⁶ ou excludentes⁷. No entanto, pouco se escreve sobre como atmosferas afetivas podem ser opressivas a ponto de atuar como barreiras ao consumo. Este estudo procura justamente suprir essa lacuna, ao pesquisar as atmosferas que envolvem a experiência de (não) consumo de adolescentes do Sul Global.

Analizamos as atmosferas afetivas que envolvem a pobreza menstrual, isto é, o acesso inadequado a educação, instalações sanitárias e produtos de higiene menstrual, um problema premente que afeta milhões em nível global⁸. Isso é acentuado por estigmas e tabus particularmente prevalentes em países em desenvolvimento⁹. O resultado é uma injustiça epistêmica em que vozes marginalizadas são sub-representadas ou mesmo silenciadas¹⁰.

Nossa pergunta de pesquisa é: como as opressões moldam as experiências de adolescentes de grupos minorizados em (não) consumir produtos de saúde sexual? Para respondê-la, realizamos uma etnografia com adolescentes (ou seja, jovens de 13 a 17 anos) em áreas periféricas do Brasil. Vivendo em áreas rurais pobres do Nordeste brasileiro e em favelas de grandes cidades, como Salvador e São Paulo, as identidades dessas meninas são moldadas por “atmosferas de silêncio”.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa etnográfica entre novembro de 2022 e abril de 2023. As observações participantes ocorreram durante as oficinas da Plan International, uma organização global de direitos voltada principalmente para meninas e jovens mulheres. Com quase 30 anos de atuação no Brasil e presente em mais de 80 países, a Plan International é reconhecida pelos seus programas de empoderamento feminino que objetivam romper os ciclos de violência que afetam as meninas crianças e adolescentes, assegurando que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

A parceria com a Plan International Brasil garantiu conhecimento sobre meninas em situação de vulnerabilidade e acesso ao campo, após longo processo de reuniões, capacitações e revisão de documentos sobre direitos da criança, assim como capacitações e sensibilizações sobre a política de salvaguarda. Adotamos protocolos de segurança, anonimato e confidencialidade, além de compromisso ético de dar espaço ao protagonismo das meninas¹¹. Inspiradas em metodologias feministas e decoloniais, procuramos ouvir histórias por meio de um diálogo horizontal em que se fala “juntas” em vez de “por elas” e evitamos colocar nosso desejo de saber acima do direito delas ao silêncio.

As meninas selecionadas para a pesquisa já participavam de alguma atividade ou programa da Plan International Brasil e voluntariaram-se por meio de processo de consentimento informado¹² e autorização de responsáveis. A Pesquisa também foi aprovada pelo Comitê de Ética da FGV EAESP. Foram 27 entrevistas com meninas de 13 a 17 anos, nas cidades de Teresina (PI), Codó (MA), Timbiras (MA), Peritoró (MA), Salvador (BA) e São Paulo (SP), além de 2.800 minutos de observação participante, o que gerou 118 páginas de anotações manuscritas. Neste livro, usamos pseudônimos para proteger a identidade das meninas participantes da pesquisa e cumprir com as políticas da organização.

Trabalhamos sobre a transcrição das entrevistas, anotações de campo, fotos, vinhetas, diários, áudios e memorandos. Mobilizamos a partilha da fala e dos sons do silêncio, escutamos repetidamente os áudios e as pausas. Mergulhamos em todo material analítico para interpretar o que foi falado, revelado, e o que permaneceu não dito, oculto.

RESULTADOS

Nossos achados mostram que “atmosferas de silêncio” são dinâmicas afetivas que se desdobram em três estágios. Primeiro, o silêncio é sentido no ambiente em vibrações de diferentes intensidades¹³ nas ausências materiais e emocionais ou na opressão pelo som de quem detém o poder. Segundo, o silêncio é interpretado e suas tonalidades¹⁴ são reconhecidas, pelos estados emocionais e pelos gestos, como vergonha, medo e raiva. Terceiro, o silêncio é encenado em atos de omissão, em que as meninas deixam de falar e se escondem, ou em atos de comissão, em que usam deliberadamente o silêncio como forma de se posicionar contra a opressão¹⁵. Cada etapa será detalhada a seguir.





1. SENTIR

“ATMOSFERAS DE SILÊNCIO”

São diferentes vibrações do silêncio que vêm de tantas ausências materiais e afetivas, assim como do barulho ensurdecedor de quem fala mais alto na sociedade. São atmosferas com intensidade carregada pela falta que o silêncio traduz.

CHEGANDO A TERESINA

Depois de uma longa viagem, cheguei à oficina na zona rural e poeirenta de Teresina, marcada por calor intenso. Motocicletas transportando famílias inteiras sem capacetes e pés descalços no chão seco revelavam silenciosamente necessidades esquecidas. Na Associação de Moradores, espaço com paredes esburacadas improvisado com banners e música, adolescentes falavam com hesitação sobre menstruação e contracepção, suas vozes baixas entre longas pausas atravessadas por vergonha e tabu. “Posso me sentar no chão menstruada? Posso nadar?” As perguntas surgiam timidamente, enquanto a facilitadora respondia, com delicadeza, que menstruação faz parte do corpo saudável,

explanando sobre absorventes e métodos contraceptivos. “Não há razão para não falarmos sobre esse assunto, é normal e saudável...”.

Apesar do esforço, o silêncio imperava, revelando a opressão que restringe a fala. O lugar parecia sussurrar verdades não-ditas.

(ADRIANA, PESQUISADORA, 49 ANOS)

A cena representa o primeiro encontro da primeira autora com as “atmosferas de silêncio”. Ao contrário de espaços intencionalmente designados para silêncio, como mosteiros ou retiros de ioga, os locais desta pesquisa não deveriam ser silenciosos. Contudo, silêncios e ausências permeavam cada canto. Paredes inexistentes; ombros curvados; cabeças abaixadas; ausência de pais, mães, professores; pausas. O que está ausente pode ser igualmente influente na formação de nossas experiências, assim como o que está presente e tangível¹⁶.

SILÊNCIO ESTRONDOSO

Estou em Salvador, a pobreza urbana parece mais desesperadora do que em áreas rurais. As meninas discutem papéis de gênero concordando e discordando, criando cartazes e trabalhando

em grupos. Música alta irrompe nas conversas. Quando pergunto se pode ser baixada, as facilitadoras dizem que é impossível. A música vem da igreja que controla a comunidade. O som daqueles que detêm o poder silencia as meninas que tentam questionar os papéis impostos pela sociedade. Ainda assim, em meio a esse ruído, ver as meninas discutindo e produzindo conhecimento sobre suas experiências é profundamente reconfortante. Seus cartazes ficaram lindos. E o barulho não as impediu de aprender e trabalhar em grupo; foi apenas mais um obstáculo em suas vidas.

(ADRIANA, PESQUISADORA, 49 ANOS)

Mesmo em espaços ruidosos desta pesquisa, vivenciamos “atmosferas de silêncio”. Em uma comunidade de Salvador, um alto-falante tocava música gospel em volume muito alto, enquanto as facilitadoras da Plan International Brasil tentavam explicar o conteúdo da oficina. As facilitadoras precisavam gritar para ser ouvidas, e até as meninas gritavam para debater educação sexual, menstruação e direitos. Havia um forte senso de serem silenciadas pelo barulho.

2. INTERPRETAR

“ATMOSFERAS DE SILÊNCIO”

Nas “atmosferas de silêncio”, o silêncio não é tranquilo ou passivo; ao contrário, possui caráter estrondoso e compreende uma mistura de emoções: vergonha, medo e raiva.

O MEDO

Minhas amigas têm medo de ir ao posto pegar contraceptivo, porque acham que alguém da comunidade ou os pais vão descobrir... o que eu acho que não deveria acontecer porque, se ela está se protegendo, não é vergonha.

– IRENE, 16 ANOS



Irene, em entrevista em Salvador, revela como vergonha e medo atuam como barreira, calando até as escolhas mais íntimas, ao restringir acesso a produtos contraceptivos no centro de saúde, mesmo quando gratuitos. A situação mostra a complexidade de uma atmosfera que justapõe algo muito privado a um espaço público, em meio a um pano de fundo estigmatizado. O tabu é uma proibição elementar que direciona o comportamento para manter uma determinada ordem social¹⁷. Essa interdição pressupõe limpeza e pureza para manutenção de tudo no lugar apropriado¹⁸, criando uma atmosfera vergonha e medo sobre o objeto que pode romper com as convenções¹⁹. Tanto a vergonha como o medo supõem que a opinião de um outro, com peso nas vidas em questão, é decisiva²⁰.

A VERGONHA

Eu sinto vergonha, porque sou menina, as pessoas julgam muito; se fosse menino tudo bem. Mas sendo menina, as pessoas vão olhar e me julgar. Mas não deveria ter vergonha de me proteger.

– INÊS, 16 ANOS

Inês, de Peritoró, também fala sobre a vergonha de procurar produtos contraceptivos no centro de saúde. Mesmo assim, ela foi. É muito jovem, sabe que não está pronta para uma gravidez precoce, e é por isso que escolhe se prevenir. Mas esse gesto simples, que deveria ser respeitado, é motivo de exposição e julgamento. A vergonha se entrelaça com injustiças de gênero²¹. Revela-se em sua fala o custo afetivo de desviar-se dos roteiros prescritos para as mulheres, uma vez que o consumo de contraceptivos contraria a expectativa social de que jovens mulheres não demonstrem interesse sexual²². Paira na atmosfera uma proibição silenciosa.



O SUSTO

Eu sabia que ia acontecer, mas foi estranho. Estava tomando banho, fui me enxugar para me vestir quando vi algo vermelho descendo. Me assustei, pensei que tinha me cortado, comecei a gritar por minha avó, desesperada. Minha mãe não mora aqui. Chorei muito.

– RAFAELA, 15 ANOS





Rafaela, de Timbiras, tinha apenas 11 anos quando ficou menstruada. Seu grito de socorro descortina como desinformação e despreparo para um momento crucial na vida de toda menina – a menarca – podem gerar medo. Como há pouca discussão fora de recursos como oficinas da Plan International Brasil, o tabu em torno da menstruação transforma o que deveria ser algo natural em um momento assustador e intimidador. Mas não é só informação que falta. Considerando as diversas interseccionalidades, faltam recursos, falta estrutura familiar, faltam cuidados, falta suporte emocional.

O PAVOR DE PENSAR

Meu pai é muito grosseiro, e ele já fala que se eu chegar grávida em casa, vai me colocar para fora. Então, prefiro nem pensar ou fazer [sexo].

– LAURA, 14 ANOS

Laura sente-se proibida até de pensar em namorar e ter relação sexual, pois teme ser expulsa de casa se engravidar. O medo é tão grande que bloqueia o desejo, a curiosidade, o corpo inteiro. Essa é uma das formas das “atmosferas de silêncio”, que impedem não apenas a fala e o comportamen-

to, mas o pensar. Laura sente que não tem permissão nem para imaginar e se esconde até de si mesma. Isso obscurece recursos cruciais, revelando como a opressão se manifesta de modo sinuoso por meio da violência.



A RAIVA QUE QUER FALAR

Isso que me deixa com raiva... Já falei com o professor milhões de vezes e ele diz que a escola tem dinheiro, mas não compra os materiais. Tem tanta coisa que eu poderia dizer... Eu sei que não é culpa da escola, é culpa do governo, eu não sei exatamente [de quem é a culpa]. Mas eu sei que temos direito à educação.

– MARIANA, 14 ANOS

O silêncio de Mariana, de Teresina, não decorre da falta do que dizer, tampouco resulta de emoções contidas. Vem da falta de escuta, mesmo após falar “mil vezes” com o professor sobre as ausências não resolvidas. Apesar de estar ciente de seus direitos, ela supõe que os problemas que deseja solucionar são complexos demais para ela ou até mesmo para a escola. O silêncio aqui é institucional. É um sistema que não responde. As palavras batem em paredes invisíveis. As opressões que silenciam Mariana estão profundamente entrelaçadas à sua própria existência como menina racializada e periférica. A raiva é uma forma de se colocar contra a corrente e responder a injustiças²³



3. ENCENAR

“ATMOSFERAS DE SILÊNCIO”

O silêncio é o domínio da vida social em que “nada” – todas as coisas que não fizemos, que não aconteceram ou que não nos tornamos – prevalece²⁴. Há dois modos de ação social que realizam o nada: (1) atos de omissão, em que o silêncio é encenado passivamente quando temos medo de falar, deixamos de expressar opiniões e não somos escutadas; e (2) atos de comissão, em que o silêncio é encenado deliberadamente como forma de protesto, resistência ou em defesa da busca e consolidação da identidade.

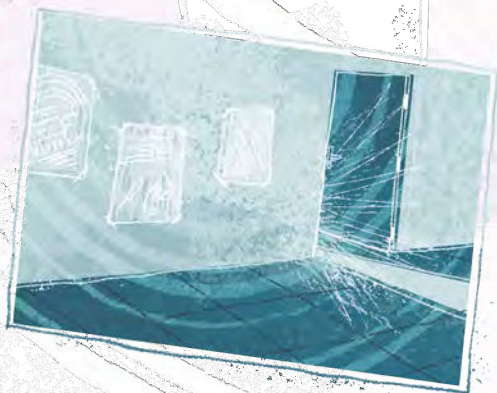




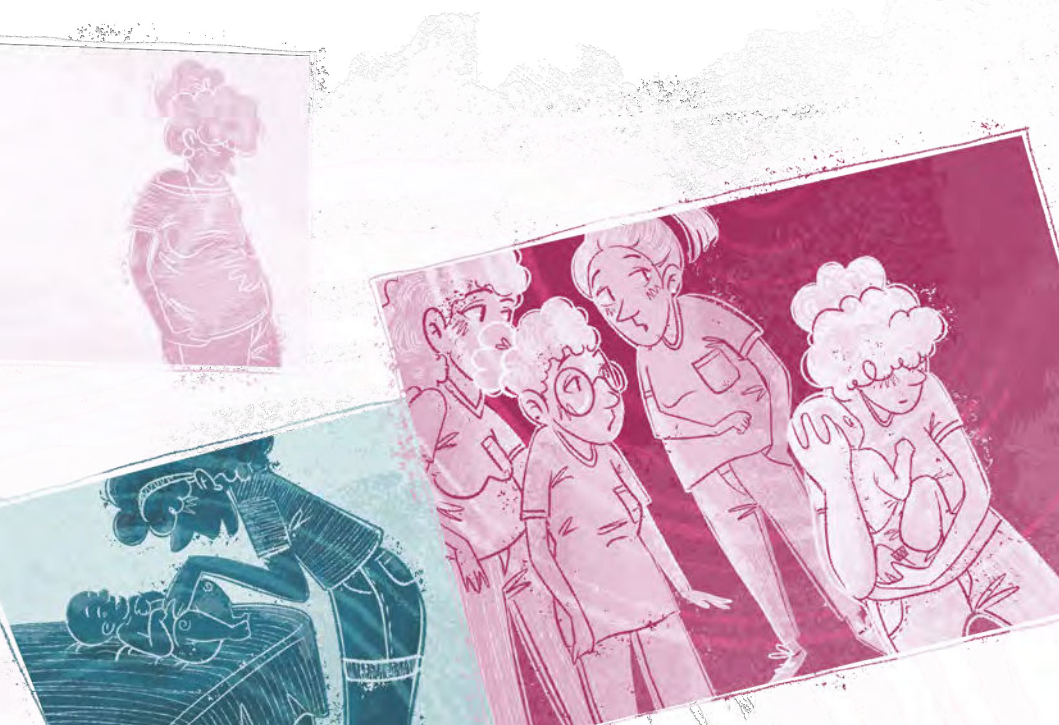
A FUÇA DA DOR

Ela não queria falar sobre isso... e a gente não insistia... não íamos entrar na intimidade dela, mas acho que muitas vezes acontece [a gravidez] porque meninas são desinformadas... Muitas nem sabem o que é um absorvente interno... Tentamos não falar do parceiro, que acho que não está com ela ou com a filha mais... Ela já é forte de cuidar de uma filha, mas não tendo um psicológico tão forte, deve doer muito.

– IRENE, 16 ANOS



O silêncio ensurdecedor pode ser sentido como o proverbial elefante na sala e funciona como barreira a conversas abertas. Deixar de falar sobre assuntos importantes e evitar temas sensíveis negam possibilidades de compreender e proteger a si mesmas. Esses atos de omissão isolam Irene de sua amiga, que passou por gravidez na adolescência e agora é mãe solo. Não dizer nada também é uma maneira de evitar aprofundar a dor e o sofrimento de Irene e de sua amiga. Omitir-se é uma estratégia vital para quem é oprimido, a fim de assegurar sua segurança física e psicológica. A dor é frequentemente retratada como sensação solitária, mas quando raiva e tristeza são invocadas, a dor do outro torna-se nossa²⁵.

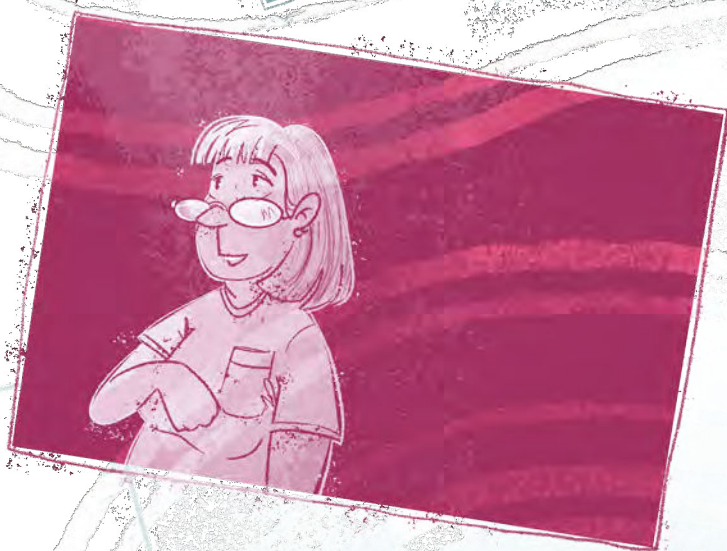


A LUTA ENTRE RESISTÊNCIA E IMPOTÊNCIA

Ela fala o que pensa e, se o menino diz que ela não pode jogar [futebol], ela diz que vai. Eu me inspiro muito nela porque às vezes tenho medo de falar pois não acho que as [outras] meninas vão apoiar... Quando quero dizer algo para alguém, elas dizem “deixa pra lá, é bobagem”.

– MARIANA, 14 ANOS

Mariana lida com uma mistura paradoxal de resistência e impotência que permeia a ação social de vozes silenciadas. Há uma força que induz Mariana a resistir, inspirada pela amiga, e outra que a silencia, vinda de padrões sociais que suprimem vozes mesmo quando arde o desejo de falar. Essa dinâmica exemplifica como as “atmosferas de silêncio” atuam. Nesse equilíbrio delicado, Mariana busca não apenas sua própria voz, mas também a validação e o apoio que possam ampliá-la. Quando vê a amiga, se sente mais forte. A coragem da outra se espalha pelo ar como um vento bom. É assim que as atmosferas de silêncio começam a ser quebradas: quando uma voz se levanta, e outras se encorajam a fazer o mesmo. O caminho traz perigos²⁶, mas lutar contra o medo transforma o silêncio em linguagem e em ação.



A ESCOLHA

Passo a maior parte do meu tempo no meu quarto estudando, sou mais caseira... Quando saio é só com a família... Gosto de ir à igreja... Peço para minha mãe me colocar em curso de inglês, mas ela não pode pagar. Então, assisto minicursos na internet e monto meu próprio curso (de inglês).

– LAURA, 14 ANOS

O silêncio não necessariamente é passivo; pode ser escolha deliberada. Laura, de Salvador, resiste por meio do silêncio. Busca acessar conhecimento, procurando superar barreiras financeiras para tornar seu desejo possível. Também é uma rota de fuga, uma forma segura de descobrir e assentar sua identidade diante dos desafios apresentados na vida.

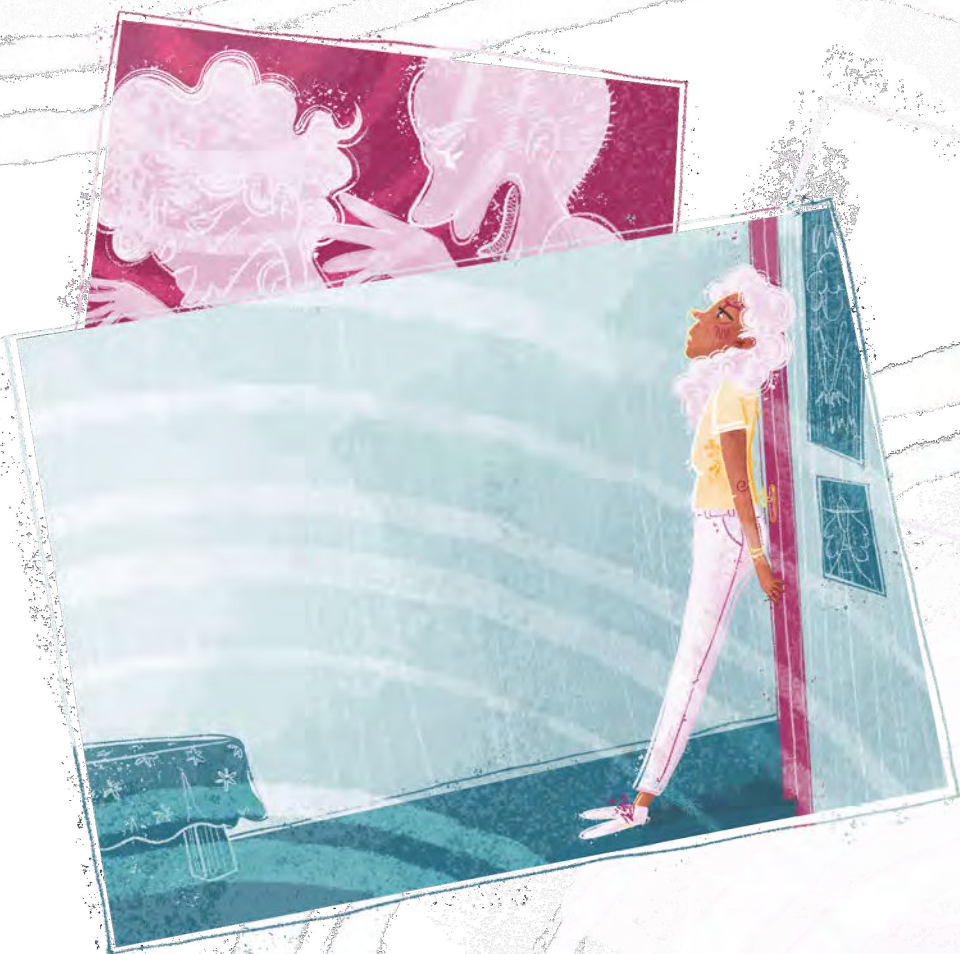


O PROTESTO

Meu sonho é fugir de tudo... É que meu padrasto bate na minha mãe()... Quando isso acontece, me escondo no meu quarto... Eu não falo com ele.*

– ANITA, 14 ANOS

Anita, de São Paulo, deseja fugir e planeja viver sozinha em sua própria casa para escapar da instabilidade e da violência familiar. Enquanto não realiza seus planos, ela silencia conscientemente, permanecendo em seu quarto e sem falar com o padrasto violento. O silêncio, aqui, é um ato deliberado de protesto contra a violência que ela e a mãe sofrem.



A MUDANÇA

Antes, eu não conseguia me expressar. Ficava quieta. Mas depois do projeto [Escola de Liderança para Meninas], consegui me impor em situações desconfortáveis. Interagi com outras meninas, vi outras realidades.

– CARLA, 17 ANOS

Nas oficinas organizadas pela Plan International Brasil, as vulnerabilidades visíveis das meninas — em seus corpos e vozes — são fortalecidas pelo poder do grupo enquanto discutem temas tabu como menstruação, papéis esperados e como se proteger de uma gravidez indesejada. Conversar sobre o que “não devemos falar” fortalece e reforça relações entre mulheres. A atmosfera muda, e as meninas também.





UM CHAMADO À AÇÃO

Nossa principal contribuição com esta pesquisa é mostrar que, por trás do “não consumo” de produtos ligados à sexualidade, pairam “atmosferas de silêncio”. Não há como combater o problema sem enfrentar essas dinâmicas afetivas que atuam como barreiras a diálogos abertos e sustentam camadas de opressão de gênero, raça, classe social e idade. São mecanismos sutis pelos quais estruturas sociais, normas e dinâmicas de poder silenciam vozes e suprimem narrativas.

Ao conceitualizar e interpretar “atmosferas de silêncio”, tornamo-nos capazes de compreender as experiências de opressão corporificadas em vozes baixas e ombros curvados, no não-dito, nas pausas, silêncios e ausências das experiências das meninas de grupos minorizados. Primeiro, sentimos “atmosferas de silêncio”. Em seguida, interpretamos o conjunto de emoções que surgiram nas experiências compartilhadas pelas adolescentes, como vergonha, raiva e medo. Por fim, observamos o silêncio sendo encenado: passivamente, quando as meninas têm medo de falar ou deixam de expressar suas opiniões, ou deliberadamente, como forma de posicionamento, protesto e resistência.

Revelar como o silêncio é criado e encenado abre a possibilidade de desafiar a opressão patriarcal e colonial que silencia. O feminismo decolonial defende a necessidade de superar o cegamento da sociedade²⁷, mas estendemos esse argumento ao sugerir que também é preciso enfrentar a surdez coletiva. Não basta que pessoas oprimidas e negligenciadas sejam vistas; é fundamental que sejam ouvidas.





Ao compartilharem suas experiências, as meninas puderam superar barreiras e dar voz coletivamente a desejos e sonhos. O processo foi fomentado pela metodologia da “Escola de Liderança para Meninas”, em que elas trabalhavam em grupos e eram incentivadas a expressar suas opiniões, a ouvir suas próprias vozes e as de suas colegas. Estar em círculo, discutindo temas como menstruação, escolha reprodutiva e resistência feminina, permitiu às meninas acessar conhecimento para sua proteção por meio de uma estrutura comunitária sustentada em cuidado e respeito mútuos²⁸.

Nesta pesquisa, abrimos espaço para que vozes sejam ouvidas e opressões sejam questionadas. Isso nos leva a um ponto importante sobre o potencial político do som. A ausência de som pode refletir mudez social e cultural, em que certas vozes são silenciadas, expondo dinâmicas políticas mais amplas em que estruturas de poder determinam quem é ouvido e quem não é. Ao escutar atentamente o silêncio, resistimos ao apagamento de vozes oprimidas, oferecendo-lhes oportunidade de reivindicar suas histórias e ser reconhecidas. Isso pode desvelar as estruturas de poder que moldam relações sociais, práticas e instituições, que anteriormente poderiam ter permanecido ocultas ou rotineiras a ponto de não serem questionadas. É assim que o potencial de ruptura dessas estruturas de poder torna-se possível.



NOTAS FINAIS

1 Lugones, M (2010) Toward a decolonial feminism.

Hypatia 25(4): 742-759; Spivak, GC (1996) Can the subaltern speak? *Die Philosophin* 14(27): 42-58.

2 Hennegan, J, Dolan, C, Steinfield, L, and Montgomery, P (2017). A qualitative understanding of the effects of reusable sanitary pads and puberty education: implications for future research and practice. *Reproductive health*, 14, 1-12.; Ndichu, E G and Upadhyaya, S (2023) Exploring consumer vulnerability in the consumption of menstrual products: Insights from a developing country. *Health Marketing Quarterly* 40(4), 396-414.; Nguyen, H H, D., Parker, L, Brennan, L, and Clements, A (2014) The taboo question: Condom retailing in Vietnam and social marketing implications. *Journal of Social Marketing* 4(2), 133-154.; Steinfield, L A, Coleman, C A, Tuncay Zayer, L, Ourahmoune, N, and Hein, W (2019) Power logics of consumers' gendered (in) justices: Reading reproductive health interventions through the transformative gender justice framework. *Consumption Markets & Culture*, 22(4), 406-429.

3 Van Elferen, I and Raeymaekers, S (2015) Silent dark: the orders of silence. *Journal for Cultural Research* 19(3): 262-273.

4 Anderson, B (2009) Affective atmospheres. *Emotion, Space and Society* 2(2): 77-81.

5 Biehl-Missal, B and Saren, M (2012) Atmospheres of Seduction. *Journal of Macromarketing* 32(2): 168-180.; Joy, A, Wang, JJ, Orazi, DC, Yoon, S, LaTour, K and Peña, C (2023) Co-creating affective atmospheres in retail experience. *Journal of Retailing* 99(2): 297-317.; Hill, T, Canniford, R and Eckhardt, GM (2022) The Roar of the Crowd: How Interaction Ritual Chains Create Social Atmospheres. *Journal of Marketing* 86(3): 121-139..; Steadman, C, Roberts, G and Medway, D (2021) (Re)thinking place atmospheres in marketing theory. *Marketing Theory* 21(1): 135-154.

6 Goulding, C and Pressey, A (2023) A palimpsestic analysis of atmospheres at dark tourism. *Annals of Tourism Research* 101: 103577.; Preece, C, Rodner, V and Rojas-Gaviria, P (2022) Landing in affective atmospheres. *Marketing Theory* 22(3): 359-380.

7 Goulding, C and Pressey, A (2023) A palimpsestic analysis of atmospheres at dark tourism. *Annals of Tourism Research* 101: 103577.; Preece, C, Rodner, V and Rojas-Gaviria, P (2022) Landing in affective atmospheres. *Marketing Theory* 22(3): 359-380.

7 Dion, D and Borraz, S (2017) Managing Status: How

Luxury Brands Shape Class Subjectivities in the Service Encounter. *Journal of Marketing* 81(5): 67–85.

8 Parkinson, J, Courtney, R and Edwards, B (2024) Advancing women's health equity and empowerment: exploring period poverty and menstrual hygiene. *Health Marketing Quarterly* 41(3), 241-248.

9 Meenakshi, N (2020) Taboo in consumption: Social structure, gender and sustainable menstrual products. *International Journal of Consumer Studies* 44(3), 243-257.; Ndichu, E G and Upadhyaya, S (2023) Exploring consumer vulnerability in the consumption of menstrual products: Insights from a developing country. *Health Marketing Quarterly* 40(4), 396-414.; Nguyen, H H, D., Parker, L, Brennan, L, and Clements, A (2014) The taboo question: Condom retailing in Vietnam and social marketing implications. *Journal of Social Marketing* 4(2), 133-154.; Steinfeld, L A, Coleman, C A, Tuncay Zayer, L, Ourahmoune, N, and Hein, W (2019) Power logics of consumers' gendered (in) justices: Reading reproductive health interventions through the transformative gender justice framework. *Consumption Markets & Culture*, 22(4), 406-429.

10 Hutton, M and Cappellini, B (2022). Epistemic in/justice: Towards 'Other' ways of knowing. *Marketing Theory* 22(2): 155-174.

11 Oakley, A (1981) Interviewing women: A contradiction in terms. In Roberts, H (ed) *Doing feminist research London: Routledge*, pp. 30-61.; Harari, T and Pozzebon, M (2023) Metodologia otra: Challenging modern/colonial matrix with Paulo Freire and decolonial thinking. *Management Learning* 55(1): 63–80.

12 Tracy, SJ (2019) *Qualitative research methods: Collecting evidence, crafting analysis, communicating impact*. John Wiley & Sons.

13 Massumi, B (2002) *Movement, affect, sensation*. Durham, NC : Duke University Press.

14 Thibaud, JP (2015) The backstage of urban ambiances: When atmospheres pervade everyday experience. *Emotion, space and society* 15: 9-46.

15 Bissell, D (2010) Passenger mobilities: affective atmospheres and the sociality of public transport. *Environment and Planning D: Society and Space* 28(2): 270-289.

- 16 Goulding, C, Saren, M and Pressey, A (2018) 'Presence' and 'absence' in themed heritage. *Annals of Tourism Research* 71: 25–38
- 17 Bataille, G (1986) *Erotism: Death and sensuality*. City Lights Books.; Larsen, G, Patterson, M, Sabri, O and Walther, L (2018). A commentary on the treatment of taboo in consumption and marketing. *Journal of Marketing Management* 34(13-14), 1067-1077.
- 18 Douglas, M (1966) *Purity and danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge and Kegan Paul.
- 19 Denegri-Knott, J and Parsons, E (2014) Disordering things. *Journal of Consumer Behaviour* 13(2): 89-98
- 20 Ahmed, S (2014) *The Cultural Politics of Emotion*, 2nd ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- 21 Hein, W, Steinfield, L, Ourahmoune, N, Coleman, CA, Zayer, LT and Littlefield, J (2016) Gender justice and the market: a transformative consumer research perspective. *Journal of Public Policy & Marketing* 35(2): 223-236.
- 22 Douglas, M (1966) *Purity and danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge and Kegan Paul.; Denegri-Knott, J and Parsons, E (2014) Disordering things. *Journal of Consumer Behaviour* 13(2): 89-98
- 23 Ahmed, S (2014) *The Cultural Politics of Emotion*, 2nd ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- 24 Scott, S (2019) *The social life of nothing: Silence, invisibility and emptiness in tales of lost experience*. Routledge.
- 25 Ahmed, S (2014) *The Cultural Politics of Emotion*, 2nd ed. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- 26 Lorde, A (2012) *Sister outsider: Essays and speeches*. Crossing Press.
- 27 Lugones, M (2010) Toward a decolonial feminism. *Hypatia* 25(4): 742-759.
- 28 Gilligan, C (1993) *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Harvard university press.

(*) A Plan International segue uma política rigorosa de salvaguarda, que norteia suas ações dá suporte para encaminhamentos em situações de violação, quando identificadas, como essa.

Este livro é baseado na pesquisa de doutorado de Adriana Guedes Arcuri, realizada na FGV EAESP com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 140212/2021-3, sob orientação da Profa. Dra. Tânia Veludo-de-Oliveira e coorientação da Profa. Dra. Gretchen Larsen (Durham University). Os resultados dessa pesquisa deram origem ao artigo “Atmospheres of Silence”, publicado na revista *Marketing Theory*, e são aqui apresentados em formato para ampliar seu alcance e impacto social. A presente publicação adapta esses achados para um público mais amplo, especialmente meninas, educadores(as) e organizações da sociedade civil.

Arcuri, A. G., Veludo-de-Oliveira, T., & Larsen, G. (2026). Atmospheres of silence. *Marketing Theory*, 14705931251414808.

QUEM FEZ O LIVRO

AUTORAS



ADRIANA GUEDES ARCURI

É professora e pesquisadora na FGV EAESP. Mineira de Juiz de Fora, Adriana é mãe do Nicolas, de 8 anos. Suas pesquisas abordam questões de injustiças de gênero, exclusão do consumo, atmosferas afetivas e silêncio, a partir de perspectivas feministas e decoloniais. Ela acredita na transformação social por meio da pesquisa, do ativismo e da educação, conectando universidade, sociedade civil e mercado na construção de futuros mais inclusivos e equitativos.

TÂNIA VELUDO DE OLIVEIRA

É mãe da Aurora. Professora, pesquisadora e chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa em Marketing da FGV EAESP, atua na área de Transformative Consumer Research (TCR). Sua pesquisa investiga vulnerabilidade do consumidor, bem-estar e exclusão de mercado, com especial interesse pelas experiências de grupos marginalizados, a partir de perspectivas interseccionais e orientadas à justiça.





GRETCHEN LARSEN

Nasceu na Nova Zelândia e atualmente é Professora de Marketing na Universidade de Durham, no Reino Unido. Suas pesquisas exploram como o consumo está ligado à construção da identidade e às maneiras pelas quais nos relacionamos com o mundo. Recentemente, tem se dedicado a compreender o papel dos sons em nossas vidas, investigando como experiências sonoras influenciam emoções, percepções e comportamentos de consumo. Movida pela curiosidade e pelo compromisso com a transformação social, Gretchen questiona ideias estabelecidas sobre mercados e consumo, buscando caminhos para tornar os espaços de mercado mais inclusivos e justos para todas as pessoas.

ILUSTRADORA E DESIGNER

ANANDA FERREIRA

Nascida em Goiânia, é formada em Artes Visuais pela Unicamp. Com trajetória que inclui muralismo e tatuagem, focou no universo da ilustração em 2022. Atualmente reside em Aracaju. Com clientes no Brasil e no exterior, ilustra livros, materiais didáticos e jogos, sempre empenhada em cocriar universos diversos.



MARIANA RODRIGUES

É designer editorial e jornalista de formação. Desde criança é apaixonada por livros e agora pode trabalhar com eles para organizações do terceiro setor. Neste livro, fez o projeto gráfico e a diagramação.

Texto e pesquisa Adriana Guedes Arcuri,
Tânia Veludo de Oliveira e Gretchen Larsen

Adaptação do texto acadêmico Adriana Wilner

Ilustrações Ananda Ferreira

Projeto gráfico e diagramação Mariana Rodrigues

Coordenação Beatriz Freitas e Flávia Cuzziol

Sobre a Plan Brasil

Com cerca de 30 anos de atuação no país e presente em mais de 80 países ao redor do mundo, a Plan Brasil está comprometida em romper os ciclos de violências que afetam meninas, criando um futuro justo, seguro e equitativo para todas as pessoas. Com projetos sociais implementados no Maranhão, no Piauí, na Bahia e em São Paulo, e atuando em rede com o terceiro setor e movimentos sociais, a organização alcança todo o território nacional, inspirando e mobilizando a sociedade para transformar realidades, promovendo o protagonismo das meninas e fortalecendo suas vozes para que possam mudar a realidade ao seu redor, para que cresçam livres, seguras e respeitadas.

Em 2025, a organização recebeu o Prêmio Direitos Humanos, na categoria “Garantia dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes” em reconhecimento a atuação da organização na promoção de ações de defesa dos direitos das meninas.

Para saber mais sobre a Plan Brasil, acesse www.plan.org.br



